



Expedição a Mato Grosso, 1947: geografia, paisagem e lembrança

Expedition to Mato Grosso, 1947: Geography, Landscape and Recollections

Joana Passi de Moraes

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro / Brasil
passi.joana@gmail.com

Resumo: Em 1947, uma expedição organizada pela Universidade do Brasil (UB), no Rio de Janeiro, rumou para Mato Grosso e percorreu Campo Grande, Corumbá, Nhecolândia e o Pantanal Mato-Grossense. O grupo foi composto por estudantes da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, coordenados pelo professor Hilgard O'Reilly Sternberg, e estudantes do Instituto Rio Branco, liderados pelo diplomata, professor e escritor João Guimarães Rosa. Informações sobre esta expedição pouco aparecem nos registros de literatura e arte, constando apenas em passagens vagas e incompletas sobre o período na bibliografia de Rosa. A história desta expedição será brevemente apresentada com base numa investigação (ainda em processo) em arquivos públicos e privados. Uma reflexão baseada no discurso de posse de Rosa na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, abordará a sua relação com a poesia e a geografia. O texto "Sanga Puytã" (1947), do autor, será explorado em um exercício para compor um esboço da paisagem da expedição. O artigo se encerra com a argumentação sobre o uso da linguagem verbo-visual e de ferramentas para compor a história da expedição de 1947 ao Pantanal.

Palavras-chave: João Guimarães Rosa; Sanga Puytã; investigação artística; paisagem; memória.

Abstract: In 1947, an expedition organized by the University of Brazil (UB), in Rio de Janeiro, went to Mato Grosso and traveled through Campo Grande, Corumbá, Nhecolândia and the Pantanal. The group consisted of students from the National Faculty of Philosophy of the University of Brazil, headed by professor Hilgard O'Reilly Sternberg, and students from the Rio Branco Institute, led by the diplomat, professor and writer João Guimarães Rosa. Information about this expedition is scarcely registered in literature and art records, found only in vague and incomplete passages about the period in Rosa's bibliography. The history of this expedition will be briefly presented, as a result of an investigation, which is still in process in public and private archives. A reflection based on Rosa's inauguration discourse, in the Geography Society of Rio de Janeiro, will deal with his relation with poetry and geography. The text "Sanga Puytã" (1947) will be explored as an exercise to compose a sketch of the expedition's landscape. The article is concluded with an argument about the use of verbal-visual language and tools to compose the history of the 1947 Pantanal expedition.

Keywords: João Guimarães Rosa; Sanga Puytã; artistic research; landscape; memory.

"Se narrada, bela é a história, se imaginada, ainda mais"

João Guimarães Rosa

1 A expedição ao Pantanal, 1947

1.1 O início de uma investigação

Há uma história ainda pouco explorada no universo acadêmico e literário:¹ em junho de 1947, um grupo liderado por Hilgard O'Reilly Sternberg (1917-2011), professor da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, rumou a Mato Grosso.² A "Expedição ao

¹ A bibliografia catalogada no Banco de Dados Bibliográfico "João Guimarães Rosa", do Instituto de Estudos Brasileiros – USP, aponta para um número superior de estudos sobre as viagens de Guimarães ao sertão mineiro e baiano, sua infância em Cordisburgo, Minas Gérias, e seus deslocamentos no exterior – Bogotá, Alemanha e Paris –, se comparados aos registros de estudos sobre a expedição de 1947 ao Pantanal.

² Em julho desse mesmo ano (1947), uma expedição organizada por Francis Ruellan, então professor de Geografia na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil e professor no Conselho Nacional de Geografia, rumou para Minas Gerais e Goiás a fim de levantar dados sobre as características geográficas da região. O grupo da "Expedição Ruellan" era "multidisciplinar, envolvendo dezenas de pessoas, incluindo 40 cientistas,

Pantanal”, como é lembrada por seus participantes, foi composta por um grupo de estudantes da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil imbuídos de coletar dados científicos sobre a região e produzir relatórios: Sol Garson e Sulamita Castro formavam a dupla responsável pela geografia humana; Baszka Borestein e Euclides Gomes se concentraram na geografia física. Auxiliaram o professor Sternberg na coordenação da expedição sua então secretária, a professora Maria da Conceição Vicente de Carvalho, e a bolsista americana Charlotte.³ Este grupo guarda uma curiosa particularidade: além dos técnicos e estudantes, participou da viagem um representante do Instituto Rio Branco – o escritor João Guimarães Rosa. O então diplomata viajou acompanhado dos estudantes Raul de Sá Barbosa e Nestor dos Santos Lima.

Em 1945, dois anos antes da expedição, Guimarães se associou à Sociedade Brasileira de Geografia e exaltou em seu discurso de posse sua admiração pela geografia. Um ano antes da expedição, publicou o livro *Sagarana* (1946) e, em 1947, ano em que realiza a viagem, residia no Rio de Janeiro e fora nomeado Chefe do Gabinete do Ministro João Neves da Fontoura. Na atual etapa da investigação, não foram encontrados registros sobre a finalidade da participação do escritor na expedição e sobre a dimensão diplomática de sua viagem. Os únicos documentos encontrados, até o momento, são dois telegramas do Itamaraty para o governador de Mato Grosso. Os telegramas solicitam que seja providenciado transporte para o cumprimento do itinerário programado, além de citar os nomes dos coordenadores, datas e locais para a chegada do grupo.

com o objetivo de estudo detalhado de oito pré-áreas selecionadas, mas também das regiões situadas entre essas áreas, a fim de propor sítios específicos” (SENRA, 2010, p. 190) para realocar a capital federal, então situada no Rio de Janeiro. Na atual etapa da pesquisa, ainda não é possível afirmar que a expedição chefiada pelo professor Hilgard O’Reilly Sternberg seguiu para Mato Grosso com os mesmos propósitos. Podemos apenas afirmar que há a relação de semelhança entre as datas em que as duas expedições partiram do Rio de Janeiro e a origem dos dois coordenadores científicos, ambos professores da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.

³ Ainda não foram encontrados registros oficiais que citem o nome completo da bolsista americana. O dado de sua participação foi coletado a partir do relato de Sulamita Castro (2017), uma carta de Charlotte para Sol Garson (1947, Teresópolis – RJ [para] Sol Garson, Rio de Janeiro. Atualiza acontecimentos pessoais e indaga sobre relatório da Expedição ao Pantanal. Presente no arquivo de Sol Garson Passi), menções nas cadernetas de viagem e fotografias com anotações de seu nome guardadas no arquivo de Sol.

Além de reunir dados sobre a expedição, este estudo destaca, nos escritos de Guimarães e nas lembranças de Sol e Sulamita, registros que remetem diretamente aos lugares por onde o grupo viajou. Quais impressões – corpo, espaço e tempo – aparecem e o que eles nos mostram das matas e fronteiras do Brasil? Índícios de vegetações, fauna, cultura, ambiente, sons, pessoas, animais, palavras, que permanecem em escritos e em depoimentos, nos ajudam a tramar uma paisagem da expedição de 1947 ao Pantanal, uma história em construção.

1.2 Lembranças do Pantanal

As informações atualmente disponíveis sobre a expedição encontram-se em arquivos públicos (Arquivo do Itamaraty, Arquivo Nacional, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e Instituto de Estudos Brasileiros), em escassas publicações – nenhuma, entretanto, que aborde exclusivamente a expedição ao Pantanal⁴ – e também em arquivos pessoais e em um registro em vídeo das memórias de Sulamita, “Lembranças de Sul e Sol” (cf. LEMBRANÇAS..., 2017), uma obra audiovisual, gravada durante um encontro que tive com Sulamita, em sua casa, no Rio de Janeiro. Na ocasião, registrei a fala de Sulamita, suas lembranças da expedição de 1947, e imagens de seu arquivo. Sulamita reuniu fotos e cartas sobre a expedição (FIGURA 1 e FIGURA 3). Na ocasião, perguntei sobre as impressões remissivas da viagem e pedi que descrevesse uma imagem, uma paisagem, ainda presente em sua memória, ao que respondeu: “Muito verde, água, muita água, e muitos pássaros, lindos, em revoadas – as araras eram belíssimas [...] casas muito ricas. O que me impressionou foi a quantidade de carros novos – todos andavam de carros novos em Mato Grosso” (LEMBRANÇAS..., 2017). Abundância de recursos naturais, riqueza e fartura são os substantivos mais usados para descrever paisagens e situações: “O grupo era recebido com churrascos e mesas cheias de frutas, legumes...” (LEMBRANÇAS...,

⁴Entre as publicações encontradas, *O cogumelo das 13 mulheres*, publicação independente de Waldir da Cunha (2012), apresenta fatos sobre as expedições ao cerrado brasileiro em busca de um lugar para a construção de Brasília. Esta publicação destaca o papel de 13 mulheres: “é preciso ressaltar que, dentro dessa trama de caráter desbravador, destacam-se 13 mulheres consideradas corajosas à frente de seu tempo” (CUNHA, 2012, p. 9). Waldir também aponta a falta de material sobre as expedições: “Expedição essa considerada ‘ignorada’ dentro da estruturação de nossa história” (CUNHA, 2012, p. 9).

2017). Há uma história contada em família de que Sol denunciou o trabalho escravo na região visitada: “Havia, sim, Casa-grande e senzala. Mas Sol e eu não tínhamos o poder para denunciar, então Sol denunciou para os professores” (LEMBRANÇAS..., 2017). Sulamita conta sobre a existência de um relatório com detalhes técnicos que Sol e ela escreveram juntas. Este documento foi elaborado para ser apresentado na escola municipal do Rio de Janeiro, onde trabalhavam como professoras primárias. O manuscrito está perdido: o original, na família de Sol; e a cópia na família de Sulamita, que pede para procurarmos este registro, pois contém valiosos detalhes e informações sobre a viagem.

FIGURA 1 – Imagem do vídeo em que Sulamita relata suas lembranças



Fonte: Arquivo pessoal.

FIGURA 2 – Cartão-postal do Rádio Clube de Campo Grande, onde ocorreu uma festa de recepção



Fonte: Arquivo pessoal.

FIGURA 3 – Registro de João Guimarães rosa

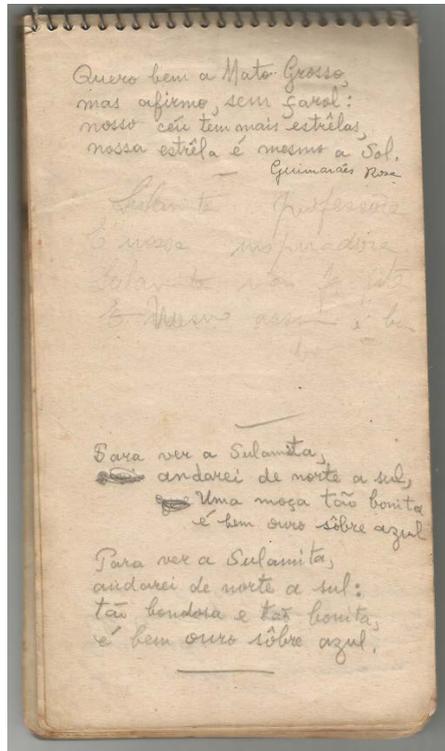


Fonte: Arquivo pessoal.

Além das lembranças de Sulamita, relatórios e documentos oficiais somam-se à trama de memórias da expedição. Há um telegrama redigido no Itamaraty que solicita uma recepção em Campo Grande para o diplomata João Guimarães Rosa e acompanhantes. Os arquivos de Sol guardam cartões-postais enviados para a família e amigos, blocos de notas e muitas fotografias. Entre as anotações de Sol, há uma página com rascunhos de versinhos do diplomata e escritor: “Quero bem a Mato Grosso, mas afirmo, sem farol: nosso céu tem mais estrelas, nossa

estrela é mesmo a Sol” e “Para ver a Sulamita, andarei de norte a sul: tão bondosa e tão bonita é bem ouro sôbre azul” (FIGURA 4).

FIGURA 4 – Caderno de anotações de Sol



Fonte: Arquivo pessoal.

Há um fato que seria “secundário” se a história da literatura brasileira fosse outra: a relevância da presença de Guimarães para a memória desta expedição. O escritor também deixou registros sobre a viagem, como as cartas enviadas a seu pai e anotações em cadernos. Sulamita recorda que Guimarães andava com cadernos à mão e anotava incessantemente. Essa mesma observação é feita pelo vaqueiro Mariano (*apud* COSTA, 2006, p. 23): “[o doutor] ficava puxando coisas e pondo lá num caderninho.” Os cadernos da viagem não constam em arquivos públicos, o que provoca lacunas na biografia de Rosa: “assim como se perderam as cadernetas de 1945, também não se tem notícia das

cadernetas da viagem pelo Pantanal” (COSTA, 2006, p. 23). No Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), há apenas alguns desenhos, um mapa da região visitada em 1947 (Nhecolândia), estudos e esboços de textos que vão integrar *Ave, palavra* (1970) e uma carta a seu pai, Florduardo Pinto Rosa.

Apesar da ausência de anotações do escritor sobre a viagem, é amplo o rol de textos publicados originalmente em periódicos que são frutos da viagem ao Pantanal: “Sanga Puytã” (*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1947), “Cipango” (*Folha da Manhã*, São Paulo, 17 de fevereiro de 1952), “Ao Pantanal” (*Diário de Minas*, Belo Horizonte, 5 de abril de 1953) e “Uns índios – sua fala” (*Letras e Artes*, Rio de Janeiro, 25 maio 1954). Guimarães publica, também, a novela “Meu tio Iauaretê” (*Revista Senhor*, n. 3, 1961), e a reportagem “Com o vaqueiro Mariano” (*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 26 de outubro de 1947); e escreve duas cartas: uma ao pai e outra a Antônio Azeredo da Silveira, nas quais narra detalhes da expedição. Em “Sanga Puytã”, escreveu uma cantiga de um menino engraxate que, segundo relato oral de Sulamita, acompanhou o grupo na fronteira do Paraguai. Esta cantiga, ainda hoje, ressoa na memória de Sulamita e das filhas de Sol Garson:

Allá en la orilla del rio
 una doncella bordando
 pañuelo de oro
 para la Reina
 para la Reina... (ROSA, 2009. p. 54)⁵

Encontrei, no arquivo de Sol, um retrato de uma carroça de boi com uma legenda no verso: “Fazenda Firma, Nhecolândia – M.G. julho 1947”. Este mesmo lugar é o ponto de partida para a reportagem “Com o vaqueiro Mariano” (*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 26 de outubro de 1947): “Em julho, na Nhecolândia, Pantanal de Mato Grosso, encontrei um vaqueiro [...]”.

As relações entre dados que foram encontrados nos arquivos pessoais, relatos e publicações formam uma espécie de trama de fatos e memórias. Para além dos registros oficiais, essas espécies de reminiscências nos ajudam a vislumbrar os lugares por onde o grupo

⁵ “Lá na margem do rio/ uma donzela bordando / um lenço de ouro / para a rainha / para a rainha...” (Tradução minha).

passou, o que foi visto, ouvido, aspectos das paisagens e impressões que marcaram os viajantes – ou seja: uma coleção de dados ou fios soltos para a imaginação.

2 Guimarães, poesia e ciência da terra

Guimarães nutria interesse científico e literário pela geografia. Membro da Sociedade Brasileira de Geografia (SBG), expressou em seu discurso de posse, em 1945: “admirador desvalioso e amoroso ignorante [...]. De início, o amor por geografia me veio pelos caminhos da poesia – da imensa emoção poética que sobe da nossa terra e das suas belezas”(ROSA, 1945, p. 96). Seu caráter intelectual e científico é revelado: “mesmo para a atividade contemplativa se impõe a necessidade de uma disciplina científica” (ROSA, 1945, p. 96), e justifica sua disposição para o conhecimento da ciência da terra: “para mais amar e servir o Brasil, mistér se faz melhor conhecê-lo” (ROSA, 1945, p. 96). Em textos publicados até a data de sua posse na SBG, como podemos verificar em *Sagarana* (1946), revela-se uma escrita permeada de referências aos elementos da terra, através dos quais podemos vislumbrar a paisagem que o escritor retratara. Seu repertório de referências variava: apresentava registros coletados diretamente de sua experiência com pessoas e lugares – como em “O burrinho pedrês”, que surge de um acontecimento passado em sua terra natal (Cordisburgo, Minas Gerais), o afogamento de vaqueiros num córrego; e “São Marcos”, que registra detalhadas características do sertão de Minas Gerais. Termos científicos, nomes de plantas e bichos, expressões regionalmente típicas, revelam o minucioso inventário que Guimarães guardava para narrar – através da escrita do poeta, da voz local e sob a ótica da especificidade científica – um espectro da terra Brasil.

Palavras que pairam entre aspectos geográficos da terra e imagens poéticas percorrem todo o discurso de Guimarães para compor o “grande corpo eterno do Brasil” (ROSA, 1945, p. 96).⁶

⁶ ROSA, João Guimarães. Discurso de posse como Sócio Titular da Sociedade Brasileira de Geografia. *Boletim da Sociedade de Geografia do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 96-97, 1945. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=181897&PagFis=7706&Pesq=>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

[...] o soberbo Paraopeba – amarelo, selvagem, possante. O ‘cerrado’, sob as boas chuvas, tinha muitos ornatos: a enfolhada capa-rosa, que proíbe o capim de medrar-lhe em tórno; o pau bate-caixa, verde-aquarela, musical aos ventos; o pau santo, coberto de flores de leite e mel; as lobeiras, juntando grandes frutas verdes com flôres rôxas; a bôlsa-de-pastor, brancacenta, que explica muitos casos de ‘assombrações’ noturnas; e os barbatimãos, estendendo fieiras de azinhavradas moedinhas. Os campos se ondulavam, extensos. Sôbre os tabuleiros, gaviões grasniam. A Lagoa Dourada, orgulho do Município, era um longínquo espêlho. A Lagoa Branca, já hirsuta de juncos, guarda ainda o segredo do seu barro, que, no dizer da gente da terra, produz, na pele humana, intensa e persistente comichão. Buritís, hieráticos, costeiam, por quilômetros, o Brejão do Funil, imenso, onde voam os côcos e se congregam, às dezenas as garças. E, enfim, do ‘Alto Grande’, mirante sem prêço, a vista se alongava, longíssima, léguas, até o azulado das montanhas, por baixadas verdes, onde pedaços do rio se mostravam, brilhantes, aqui e ali, como segmentos de uma enorme cobra-do-mato. (ROSA, 1945, p. 96-97).

A dialética construída, entre formas contemplativas (poética) e o conhecimento científico, para apreender e narrar seu conhecimento sobre a terra se configura nesta fala: “desarmado da luz reveladora dos conhecimentos geográficos, e providos tão só da sua capacidade receptiva para a beleza, o artista vê a natureza aprisionada no campo punctiforme do presente. Falta-lhe saber a grande vida, envolvente, do conjunto”(ROSA, 1945, p. 96). O conhecimento científico tem, para o escritor, o sentido de alargar a visão e a compreensão do *cosmos* da terra – percepção que é limitada quando restrita aos “caminhos da poesia” pois deixa escapar a “majestosa magia dos movimentos milenares” (ROSA, 1945, p. 96):

O alargamento progressivo dos vales, e a suavização dos relevos; o rejuvenescimento dos rios, que se aprofundam; na quadra das cheias, o enganoso fluir dos falsos-braços, que são abandonados meandros; a rapina voraz e fatal dos rios que capturam outros rios, de outras bacias; o minucioso registro dos ciclos de erosão, gravados nas escarpas; as estradas dos ventos, pelos vales, se esgueirando nas gargantas das serranias; os pseudópodos da caatinga, invadindo, pouco a pouco, os “campos gerais”, onde se destrói o arenito e onde vão morrendo, silentes, os buritís; e tudo o mais, enfim, que representa, numa câmara lentíssima, o estremunhar da paisagem, pelos séculos. (ROSA, 1945, p. 96).

Antes de sua posse, retornou à sua cidade natal para matar saudade – “rever velhos poemas naturais da minha terra mineira” (ROSA, 1945, p. 97) – e levou em sua bagagem instrumentos de geógrafo e seu olhar de poeta. Trouxe de lá uma lista de impressões e imagens:

Certo, eu já pensava conhecer, desde a infância, os feéricos encantos da Gruta e as suas deslumbrantes redondezas: môrros, bacias, lagoas, sumidouros, monstruosos paredões de calcáreo, com o raizame laocôntico das gameleiras priscas, e o róseo florir das cactáceas agarrantes. Mas, era que, desta vez, eu trazia comigo um instrumento precioso – bússola, guia, roteiro, óculo de ampliação [...] deu-se a valorização da estesia paisagística, graças às lições da ciência e da erudição. Prestígio da Geografia! (ROSA, 1945, p. 97).

Guimarães cria e expõe modos de ver, sentir, viver e falar sobre a terra, cultura, bicho e gente: molda, com variadas ferramentas e formas, a matéria-plástica Brasil.

2.1 Indícios da paisagem de Mato Grosso em “Sanga Puytã”

Ave, palavra (1970),⁷ obra póstuma de Guimarães, foi caracterizada pelo próprio escritor como uma miscelânea formal e temática por reunir contos, poesias, notas de viagens, trechos de diários, reportagens poéticas, meditação, poemas dramáticos e reflexões filosóficas. Esta compilação reúne quatro textos sobre a expedição a Mato Grosso publicados originalmente em periódicos (“Sanga Puytã”, “Cipango”, “Ao Pantanal” e “Uns índios – sua fala”). Entre os escritos que se referem à viagem, iremos nos deter ao “Sanga Puytã”, a fim de iniciar um estudo dos aspectos – registros estéticos e científicos – da paisagem da expedição.

⁷ *Ave, palavra* foi publicada em 1970 pela editora José Olympio, três anos após o falecimento de Guimarães; foi organizado pelo escritor, ainda vivo, e foi encontrado em um cofre, na Academia Brasileira de Letras, com anotações e um índice para publicação. Além dos textos agrupados por Guimarães, Paulo Rónai, organizador da edição, acrescentou outros que o escritor havia começado a rever. Em 16 de julho de 2017, foi noticiado pela *Época* que sete relatórios foram excluídos da primeira compilação de Guimarães para *Ave, palavra* (1970): https://epoca.globo.com/cultura/noticia/2017/07/ultimas-palavras-de-guimaraes-rosa.html?utm_source=meio&utm_medium=email

O texto foi escavado em busca de indícios de impressões físicas e sensoriais do ambiente: localização, temperatura, sons e vistas. Estes aspectos, que podem ser considerados orientações espaciais, foram decupados e listados em uma espécie de carta geográfica (ainda em construção) orientada pelo que pode ser lido como versos:

“de Aquidauana, sul avante” (ROSA, 2009, p. 45);

“esplanada” (ROSA, 2009, p. 45);

“macumbeiras” (ROSA, 2009, p. 45);

“até pretas, ou amarelas, tostada pela geada, nas bananeiras retardam” (ROSA, 2009, p. 45);

“vai o verde veloz pelos cerrados, alto, baixo, sujo, limpo” (ROSA, 2009, p. 45);

“dá-se uma estrada arenosa, ver vermelha.” (ROSA, 2009, p. 45);

“o sol iça a paisagem” (ROSA, 2009, p. 45);

“os campos bailam, rugosos, na luz.” (ROSA, 2009, p. 45);

“vamos na serra do Amambaí, vertente do poente” (ROSA, 2009, p. 45);

“contra o planalto recurvo, o céu tombado, súbito estacamos” (ROSA, 2009, p. 45);

“Nioaque” (ROSA, 2009, p. 45);

“dentro do céu, casas velhas, espaçadas, encerram um território remoto, entre rua, praça, campo ou clareira” (ROSA, 2009, p. 45);

“árvores” (ROSA, 2009, p. 46);

“caía-lhe a palavra ‘horto’ que o ar sugere, ou ‘largo’, ‘estância’, ‘paragem’, ‘logradouro’” (ROSA, 2009, p. 46);

“diáfano dia montês, em que tudo se alisou de repente, mais manda a transição entre verdura e brancura” (ROSA, 2009, p. 46);

“Nioaque se vê madura e estática, qual um burgo goiano” (ROSA, 2009, p. 46);

“há de limitar-se com qualquer país de névoa acima, da ordem também dos mais claros” (ROSA, 2009, p. 46);

“entre mangueiras e palmeiras, cercaram um gramado retangular, em que pedras amarelas inscrevem um losango” (ROSA, 2009, p. 46);

“[...] espaço da mata – o mundo” (ROSA, 2009, p. 46);

“e espalham-se os *pytãs* – os ponchos de sarja escarlate – que transitam, contra horizontes e céus, como fúcsias enormes, amadurecendo um vaqueiro num cardeal, pingando de sangue o planalto, nas léguas instantâneas da paisagem, ou ascendendo no verde do Pantanal tochas vagantes” (ROSA, 2009, p. 46-47);

“sempre a vista é a mesma: os estirões do caminho rubro” (ROSA, 2009, p. 47);

“Araxá pós Araxá, léguas à régua, simples raspagem no terreno, que pouco ondula” (ROSA, 2009, p. 47);

“os coqueiros sobem de algum mar, os chapadões dão sono” (ROSA, 2009, p. 47);

“paramos, por causa de um tamanduá-bandeira, pardo, à borda da estrada” (ROSA, 2009, p. 47);

“pulou uma veada, marrom, longa, fêmea de mateiro” (ROSA, 2009, p. 47);

“de gente, raros” (ROSA, 2009, p. 47);

“Macaúbas ciliciadas – folhagem em desleixo, rascunho de fronde – agarram seus cachos de cocos” (ROSA, 2009, p. 47);

“uma fumaça” (ROSA, 2009, p. 47);

“cerca de esteios cruzados, mandiocal, roça miúda” (ROSA, 2009, p. 47);

“outras cabanas que o capim coifa – sapé velho, prata; sapé novo, ouro” (ROSA, 2009, p. 47);

““água por aqui, só a légua e meia...”” (ROSA, 2009, p. 47);

“com a sobreléguas, o que há é uma paineira morta, em que três bandos de periquitos se dão encontro, remexendo suas sombras no capim de outra choça, mais primitiva que um tejupar” (ROSA, 2009, p. 47-48);

“e o não feio, rio Miranda, se unindo com o Santo Antônio: o pontal dos dois, redondo de copas, afina uma quilha, querendo insinuar-se debaixo da ponte” (ROSA, 2009, p. 48);

“depois, barrancos, pastos, gados” (ROSA, 2009, p. 48);

“a noite nos laranjais” (ROSA, 2009, p. 48);

“reenfiamos a rota, depois de um desvio de sessenta e quatro quilômetros, para ir ver o ‘Buracão do Perdido’” (ROSA, 2009, p. 48);

“muita flora, crestada, entrou em outono” (ROSA, 2009, p. 48);

“o sol anda como uma aranha” (ROSA, 2009, p. 48);

“mas já estamos na mata-virgem. – ‘*Tem muita onça, nesta serra de Maracaju...*’” (ROSA, 2009, p. 49);

“paus de abraço, ou finos troncos ósseos, entre o verde de cima e o verde de baixo, da copagem coesa” (ROSA, 2009, p. 49);

“vai rendada a cumeeira, quase nuvens, e às vezes o bafo de sêmen nos engloba, com a sua úmida murmuração” (ROSA, 2009, p. 49);

“passamos e admiramos, perlongando-a. E, quando a mata cessa, destravada, tombamos num campo cheio de surpresa” (ROSA, 2009, p. 49);

“as emas, muitas, arquitetônicas, incrivelmente aves, cinzentos dromedários encolhidos” (ROSA, 2009, p. 49);

“rebanhos de ema, misturando-se com o gado nas pastagens” (ROSA, 2009, p. 49);

“campos altos, que adornam esbeltas, as palmeiras bocaiuvas” (ROSA, 2009, p. 49);

“e esta savana, que cortamos a modo diametral” (ROSA, 2009, p. 49);

“avenida de taquaras, de arcos enfolhados” (ROSA, 2009, p. 49);

“cintila o rio Machorra, com sua mata em galeria” (ROSA, 2009, p. 49);

“Km 296” (ROSA, 2009, p. 49);

“um bambu seco, atravessado no mata-burro; quatro barracas, alinhadas; três soldados e um cabo, cavalarianos” (ROSA, 2009, p. 49);

“da Vila Militar, contemplamos as duas Belas Vistas – como livro pelo meio aberto – lisas, onduladas de-ligeiro” (ROSA, 2009, p. 50);

“oblíqua, corre para dentro do Paraguai uma crista azulada, no fundo” (ROSA, 2009, p. 50);

“a cidade se atravessa nos três minutos” (ROSA, 2009, p. 51);

“na barranca do Passo da Alfândega acampa um destacamento: as barracas de lona verdiamarela” (ROSA, 2009, p. 51);

“um João-de-Barro se avança, sobrevoa o rio” (ROSA, 2009, p. 52);

“passa a canoa, para meia dúzia de casas avistadas, e dois soldados sem armas” (ROSA, 2009, p. 52);

“subimos vinte passos, e entra-se por larga rua relvada – a *Calle Mariscal Estigarribia*” (ROSA, 2009, p. 52);

“transitam vacas” (ROSA, 2009, p. 52);

“crescem cores no céu” (ROSA, 2009, p. 52);

“a noite subiu, com estrelas subitâneas” (ROSA, 2009, p. 53);

“trevas, na rua” (ROSA, 2009, p. 53);

“um lampião foca círculo diurno, em que sorriem várias jovens, abraçadas, nenhuma sem encantos” (ROSA, 2009, p. 53);

“Ponta Porã, até lá, delongam-se os campos; rei deles, o barba-de-bode, curvado como se ventos o acamassem, cada tufo um porco-espinho” (ROSA, 2009, p. 53);

- “o percurso é agreste, uniforme” (ROSA, 2009, p. 53);
- “os bichos restarão dentro dos matos” (ROSA, 2009, p. 53);
- “sobe-se, com a mata repentina, uma vertente serrana” (ROSA, 2009, p. 53);
- “as nuvens gostam de pousar no canto sueste do céu, os gaviões preferem as árvores secas” (ROSA, 2009, p. 53);
- “de novo, o descampado” (ROSA, 2009, p. 53);
- “arvoretas inéditas querem agrupar-se em bosques: é a erva-mate, que começa” (ROSA, 2009, p. 53-54);
- “tocamos a ‘linha seca’ da fronteira” (ROSA, 2009, p. 54);
- “a estrada coleia por entre os postes de demarcação, que intervisíveis vão mundo adiante, plantados em montículos” (ROSA, 2009, p. 54);
- “de repente, os cavaleiros” (ROSA, 2009, p. 54);
- “alto de Maracaju. Na mesa de uma planada, vestida de frio novo, Ponta Porã, a bonita” (ROSA, 2009, p. 54);
- “a cidade. As cidades – dimidianas, germinadas, beira-fronteira –” (ROSA, 2009, p. 54);
- “ora deserta cerrada a *Pedro Juan Caballero*, num relento de eremitério e guerra” (ROSA, 2009, p. 54);
- “vacas e cavalos pastam o capim da Avenida Internacional, o *boulevard* limitante” (ROSA, 2009, p. 54);
- “deixava-se o Paraguai – país tão simpático, que até parece uma pessoa” (ROSA, 2009, p. 54);
- “volvendo norte, passa por nosso derradeiro olhar a cidadezinha ainda de Sanga Puytã, à borda de um campo com cupins e queimadas, arranchada entre árvores que o vento desfolha” (ROSA, 2009, p. 54);
- “diz-se que a área é menos que a do cemitério” (ROSA, 2009, p. 54);
- “coisa que nem vista flor” (ROSA, 2009, p. 54).

Sanga Puytã é um distrito do município de Ponta Porã, no estado de Mato Grosso, que apareceu na expedição quando o grupo cruzou a fronteira do Paraguai com o Brasil. Os registros de Rosa marcam uma paisagem em “zona de osmose” (2009, p. 47) devido ao trânsito entre os dois países: “onde nos falará uma língua bizarra, com vogais tecladas” (2009, p. 47). Nesta zona aparece uma paisagem porosa, onde há uma cultura específica resultante da trama entre as culturas paraguaia e brasileira: “das terras de tangência amorosa, em que os sangues diversos se influem; desse fronteiro, misto, que, cá e lá, valha chamarmos *brasilguaios*, num aceno de poesias”, lugar onde “o Paraguai, individualizado, talvez já pronto, é extravasante; o Brasil, absorvente, digeridor, vai assimilando todos os elementos, para os plasmar definitivamente” (ROSA, 2009, p. 48).

A paisagem aparece através do viajante: um espaço é esboçado a partir de anotações de um olhar que se detém ao que é particular dos lugares (vegetação, costumes regionais, construções tradicionais). Somam-se a estas impressões informações específicas, como: nomes de rua, quilometragem das estradas, nomes de cidades e fazendas. Mais uma camada se sobrepõe a este espaço, com imagens que surgem da assimilação de acontecimentos com impressões estéticas: “O ‘jardim.’ Semelha singela bandeira nacional, horizontalmente estendida: a terra como símbolo da bandeira” (ROSA, 2009, p. 46) e, por vezes, mais carregadas de metáforas: “[...] contra horizontes e céus, como fúcias enormes, amadurecendo um vaqueiro num cardeal, pingando de sangue o planalto, nas léguas instantâneas da paisagem, ou ascendendo no verde do Pantanal tochas vagantes” (ROSA, 2009, p. 47).

O tempo aparece como marcação de deslocamento da viagem: anotações de placas nas estradas, mudança de vegetação, como sinalizado por Rosa: “passamos e admiramos, perlongando-a. E, quando a mata cessa, destravada, tombamos num campo cheio de surpresa” (ROSA, 2009, p. 49). Outro registro de tempo marca o horário de relógio – “14h, 30” (ROSA, 2009, p. 47) –, mudança de clima, ambiente e descrição de um instante: “crescem cores no céu. O mesmo berro das vacas. Um sino toca [...]” (ROSA, 2009, p. 52). O ritmo de um tempo não linear, marcado por deslocamentos, é constantemente interrompido pelo surgimento de pássaros e outros bichos da terra: “paramos, por causa de um tamanduá-bandeira, pardo, à borda da estrada” (ROSA, 2009, p. 47).

O corpo de quem escreve é atravessado pelo tempo, de constante movimento e desvios, característico da viagem. Cores e formas que

surtem no espaço, gente e animais que se sobressaem no horizonte, desviam a atenção de um olhar que se detém a tudo que lhe é estrangeiro, exótico, e típico dos lugares por onde a expedição passou. Nota-se, por vezes, familiaridades: “o mesmo berro das vacas. Um sino toca, no colégio dos padres norte-americanos. Tranquilidade, remansidão” (ROSA, 2009, p. 51). O viajante que narra descreve o espaço onde seu corpo está mergulhado: um ambiente tangente ao que está ao alcance de seu olhar. A experiência presenciada é transcrita, sem se deter a elucubrações ou divagações do pensamento, traz a imagem de uma paisagem imediata do que viu e viveu. Esboça-se, assim, uma paisagem composta por corpos que absorvem o espaço; que se delimita em linhas desviantes e porosas; que conjuga espaços em diferentes perspectivas – as perspectivas dos que falam de lá, os locais; os que veem por instantes, os viajantes; e o que surge de repente – “Sanga Puytã”.

3 Ferramentas para investigar, esboçar e escrever histórias

A expedição ao Pantanal contém vazios, histórias a serem investigadas e desenhadas em imagens e texto. A investigação como ferramenta artística é um método que implica a busca por linguagens que abarquem um objeto que é indefinido, ou seja: a prática se desenvolve de acordo com o que é encontrado, no decorrer de uma pesquisa incessante. Ao lidar com arquivos de documentos e memórias orais, deparamo-nos com um problema: as fronteiras entre os dados moles (lembranças e relatos) e dados duros (registros oficiais) se desvanecem. Uma dinâmica pode ser esboçada, na qual as memórias vivas atualizam os arquivos, e os documentos atualizam lembranças. O movimento de constante atualização do passado e do presente suscita imagens a serem redesenhadas, redefinidas, em um campo aberto de possibilidades e formas de aparecimento.

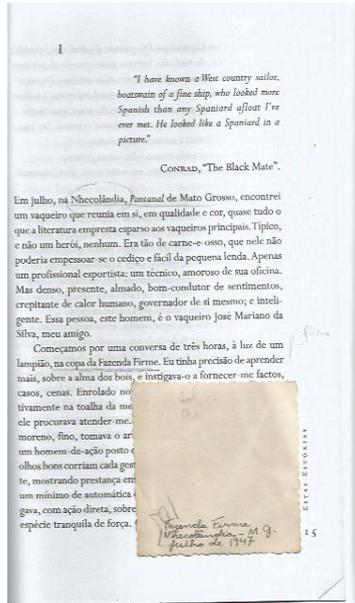
A reunião de dados “moles” e “duros” – relatos, documentos e imagens – para tramar a paisagem da expedição, consiste em lidar com os aspectos da memória e do tempo que criam ruídos e impossibilitam a construção de narrativas lineares. A fim de esboçar vistas do espaço da expedição, a técnica de aquarela e o desenho são utilizados para registrar paisagens vagas, reproduzidas a partir de fotografias e relatos. As técnicas da aquarela e do desenho são usadas aqui para trabalhar a indefinição de detalhes sobre os lugares retratados. Procura-se explorar, portanto, os espaços vazios, lacunas, imagens que se formam em névoas indefinidas (FIGURA 5).

FIGURA 5 – *Xarqueada à margem do Rio Pantanal*, 2017.
Aquarela e grafite sobre papel

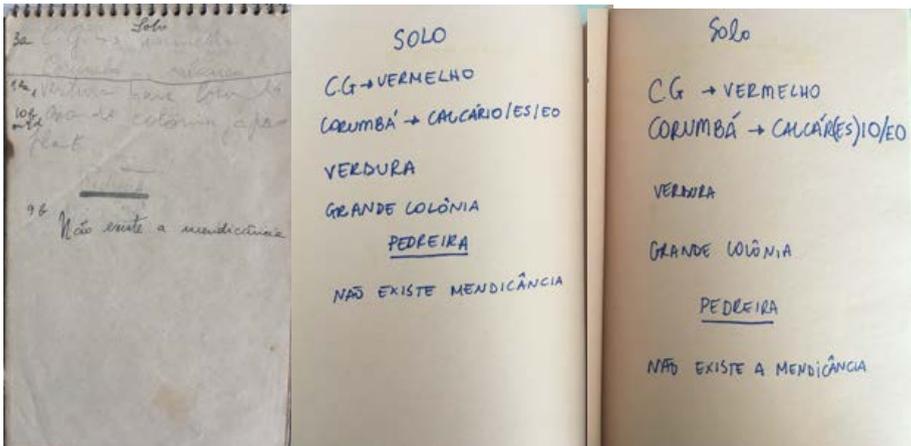


Fonte: Arquivo pessoal.

Em um segundo movimento, dados provenientes de diferentes fontes (escritos de Guimarães e fotografias de Sol Garson) são confrontados através de suas semelhanças – ou seja: frases, nomes ou palavras que aparecem mais de uma vez em dados diferentes são sobrepostos e contrastados. Este processo gerou a fotografia *Em Nhecolândia...*, que mostra a coincidência de uma anotação em uma fotografia e a frase inicial da reportagem “Com o vaqueiro Mariano” (1948; FIGURA 6). A semelhança também é trabalhada a partir da reprodução de frases dos cadernos de anotações. Palavras e frases são reproduzidas, a partir de cadernetas da viagem, e transcritas, literalmente. A partir dessa operação de buscar semelhanças e contrastes entre informações, busca-se evidenciar erros de leitura e a impossibilidade de uma total compreensão dos registros (FIGURA 7).

FIGURA 6 – *Em Nhecolândia*, 2017. Fotografia digital

Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 7 – *Pedreira*, 2017. Fotografia digital.

Fonte: Arquivo pessoal.

Estes ensaios verbo-visuais exploram uma leitura do passado que não se encerra em um sentido único. O processo de ler as informações contidas no material coletado suscita variadas interpretações e, conseqüentemente, variadas representações. Através do estudo de linguagens para produção de imagens (desenho, fotografia, vídeo e texto), investiga-se, também, as ferramentas para acessar diferentes camadas temporais e contar uma história. O teor plástico do tempo é, assim, trabalhado: a linguagem artística como instrumento para acessar e produzir narrativas que exploram as fronteiras entre passado, presente e futuro. Ou seja: relatos, arquivos e fotografias são os pontos de partida para a composição de narrativas e imagens que criam a possibilidade de imaginar um tempo e um lugar de outrora.

A ideia de que podemos interferir poeticamente em uma estrutura temporal, em diálogo com o conceito de história de Walter Benjamin (1994), possibilita a concepção da inexistência de uma só estrutura narrativa para se contar uma história – diversas estruturas temporais e imagens alegóricas podem ser elaboradas a partir de experiências poéticas e artísticas para narrar um acontecimento distante no tempo. O historiador é aquele que articula no “fato histórico” a confluência de épocas distintas que podem ser “separadas por milênios”, nas palavras de Walter Benjamin (1994, p. 232): “Ele [o historiador] capta a configuração em que sua própria época entrou em contato com uma época anterior, perfeitamente determinada. Com isso, ele fundamenta um conceito do presente como um ‘agora’ no qual se infiltraram estilhaços do messiânico.” Nesta concepção, há um constante acesso ao passado que se ressignifica pelo presente e vice-versa. Ou seja, uma articulação entre um “agora” com um passado que aparece pela ótica do presente e um futuro em aberto, com traços messiânicos. É possível, assim, segundo Benjamin (1994), imaginar uma dimensão temporal que está em constante modelamento, sem nunca se cristalizar em uma “história” acabada, em um passado e um futuro inertes.

A expedição de 1947 traz histórias a serem atualizadas e paisagens a serem ainda revistas. Relatos de lembranças, fotografias e documentos são pontos de partida para composições de narrativas e imagens que criam a possibilidade de imaginarmos um tempo e um lugar de outrora; interferirmos poeticamente em dinâmicas temporais preconcebidas; e, assim, escrever e reescrever histórias, memórias e topografias.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BORTOLOTTI, Marcelo. As últimas palavras de Guimarães. *Época*, São Paulo, 28 abr. 2017. Cultura. Disponível em: <https://epoca.globo.com/cultura/noticia/2017/07/ultimas-palavras-de-guimaraes-rosa.html?utm_source=meio&utm_medium=email>. Acesso em: 16 jul. 2017.

COSTA, Ana Luiza Martins. Veredas de Viator. *Cadernos de Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 20-21, p. 10-58, 2006.

CUNHA, Waldir da. *O cogumelo das 13 mulheres*. Rio de Janeiro: Waldir da Cunha, 2012.

LEMBRANÇAS de Sul e Sol: a expedição ao Pantanal. Direção e produção de Joana Passi de Moraes. Rio de Janeiro: Boulevard Vertov, 2017. Mídia digital MP4.

ROSA, João Guimarães. *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009. p. 47-51.

ROSA, João Guimarães. Discurso de posse como Sócio Titular da Sociedade Brasileira de Geografia. *Boletim da Sociedade de Geografia do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 96-97, 1945. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=181897&PagFis=7706&Pesq=>>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

SENRA, Nelson de Castro (Org.). *Veredas de Brasília: as expedições geográficas em busca de um sonho*. Rio de Janeiro: IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações, 2010.

SILVEIRA, Flávio Azeredo. *24 cartas de João Guimarães Rosa a Antonio Azeredo da Silveira*. [S.l.]: Éditions FAdS. Disponível em: <http://www.editionsfads.ch/pdf/layout_24_cartas.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2018.

Recebido em: 1º de maio de 2018.

Aprovado em: 20 de junho de 2018.